



AS POSSIBILIDADES DE APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA PARA ALUNOS COM TRANSTORNO DE DÉFICITS DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH)

Lilian de Sá Leite

liliandesaleite@gmail.com

Mestre em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Endereço: Rua Bento Albuquerque, nº 2500, apto. 305, Antúrio. Bairro Cocó. CEP 60192-050. Fortaleza/CE

Adriana de Sá Leite de Brito

adriana_saleite@hotmail.com

Mestra em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora da Universidade Aberta do Brasil (UAB). Endereço: Rua Ramos Botelho, 1382, apto 101. Bairro Papicu. CEP 60175-265. Fortaleza/CE

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de contribuir para o processo de aprendizagem de alunos com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) nas aulas de Geografia e de auxiliar professores, com sugestões metodológicas que favoreçam a concentração desses alunos e o entendimento dos principais conceitos geográficos. Para isso, analisamos o conceito de aprendizagem, a importância da escola enquanto instituição formal de ensino-aprendizagem e as possibilidades de melhorar o conhecimento em Geografia dos alunos com TDAH, no Município de Maracanaú (CE), através da colaboração de professores da área e da minha observância diária como professora do município em questão. Os resultados desta pesquisa se limitaram ao detalhamento dessas questões e de algumas sugestões metodológicas, abrindo caminhos para novas pesquisas e contribuindo para a valorização da aprendizagem de Geografia enquanto disciplina fundamental para o desenvolvimento crítico e social dos educandos.

PALAVRAS-CHAVE

Aprendizagem. Escola. TDAH. Geografia.

THE GEOGRAPHY LEARNING POSSIBILITIES FOR STUDENTS WITH DISTRIBUTION OF ATTENTION AND HYPERTABILITY (ADHD) DEFICITS

ABSTRACT

This study aims to contribute to the learning process of students with Attention-deficit/hyperactivity disorder (ADHD) in Geography classes, and to assist teachers with methodological suggestions that favor the concentration of these students and the understanding of the main geographical concepts. To that end, we analyzed the concept of learning, the importance of the school as a formal teaching-learning institution and the possibilities of learning Geography in students with ADHD in the city of Maracanaú (CE, Brazil), through the collaboration of teachers of Geography and of my daily observance as teacher of the municipality in question. The results of this research were limited to the detailing of these questions and some methodological suggestions, opening the way for new researches and contributing to the appreciation of Geography learning as a fundamental discipline for the critical and social development of students.

KEYWORDS

Learning. School. ADHD. Geography.

Introdução

O cotidiano da sala de aula exige de nós, professores, uma busca constante por novas técnicas e métodos de ensino que facilitem a aprendizagem e sejam adequados para a realidade dos alunos. A diversidade em sala de aula impõe maior preparo por parte dos professores, bem como de um efetivo apoio de toda a escola. Alguns alunos, porém, possuem déficits de aprendizagem e/ou são acometidos por transtornos como o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), o que muitas vezes deixam os professores sem saber como lidar com esses alunos em sala de aula.

Além disso, estamos vivenciando uma desvalorização da instituição escolar devido a inúmeros fatores, como a má remuneração dos profissionais de educação, a falta de participação das famílias, a crescente violência vivida pela população em geral e, principalmente, a desmotivação dos nossos alunos.

Diante dessa realidade, buscamos analisar o conceito de aprendizagem, a importância da escola nesse processo e como os alunos que possuem Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) podem desenvolver uma melhora na absorção de conhecimentos em Geografia.

Para isso, foram utilizados questionários abertos com professores da Rede Municipal de ensino de Maracanaú (CE), que me auxiliaram na identificação de alunos com possíveis TDAH e na observação das maiores dificuldades enfrentadas por esses em relação à disciplina de Geografia.

O Município de Maracanaú, localizado na região metropolitana de Fortaleza, foi escolhido pelo fato de eu atuar como professora de Geografia neste município e ter uma maior facilidade na coleta de dados, bem como poder observar diretamente o desempenho de alguns alunos analisados. As escolas de Maracanaú recebem alunos do ensino fundamental I e II, porém, esta pesquisa foi realizada somente com alunos do 6º ano do ensino fundamental II.

Algumas escolas do município possuem psicopedagogos que auxiliam no processo de aprendizagem de alunos com Transtornos do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), mas a grande parte dos colégios de Maracanaú ainda não conta com este auxílio.

Diante desse quadro, podemos fazer algumas perguntas: como está sendo realizado o trabalho dos professores de Geografia nessas escolas que ainda não possuem um atendimento especializado? A aprendizagem dos alunos está sendo significativa? Que métodos poderiam ser utilizados para facilitar o processo de aprendizagem? Esta análise se restringiu ao ensino de Geografia, mas pode ser tomada como modelo para que posteriores estudos sejam feitos em conjunto com as demais áreas do conhecimento.

O conceito de aprendizagem e a importância da escola

Desde que nascemos, estamos em constante processo de aprendizagem. Inicialmente, somos influenciados por nossos pais, familiares e pela sociedade a qual estamos inseridos. Aprendemos a linguagem, a cultura, o vestuário, a alimentação, e todas essas influências nos acompanharão ao longo da nossa vida, mesmo que posteriormente haja uma mudança de hábitos. Segundo Morin (2002), “Nós somos indivíduos que estamos dentro da sociedade, mas a sociedade como um todo está presente em nós desde o nosso nascimento. Nós recebemos as proibições, as normas, a linguagem e, finalmente, a presença da sociedade entre nós” (p.15).

Portanto, aprender é algo necessário e inerente ao indivíduo. Já o processo de aprendizagem escolar se distingue pelo caráter sistemático, intencional e pela organização das atividades que a desencadeiam, que se inserem em um quadro de

finalidades e exigências determinadas pela escola. E é dentro desse contexto que o indivíduo passa grande parte de sua vida recebendo estímulos e estabelecendo relações de convivência e de cooperação. Porém, algumas pessoas não conseguem aprender e fixar os conhecimentos tão facilmente e acabam tendo dificuldades durante toda a vida estudantil. Para auxiliar quem sofre com déficits de aprendizagem, em especial as crianças, a psicopedagogia tem sido de suma importância e tem expandido cada vez mais o seu campo de atuação e a sua cooperação com a sociedade em geral. Segundo a Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPP):

A Psicopedagogia é um campo de atuação em Saúde e Educação que lida com o processo de aprendizagem humana: seus padrões normais e patológicos considerando a influência do meio - família, escola e sociedade - no seu desenvolvimento, utilizando procedimentos próprios da Psicopedagogia (ABPP, 2014)¹.

Diante dessa afirmação, observa-se que a psicopedagogia auxilia o aluno, com ou sem patologias, a desenvolver melhor o processo de aprendizagem.

O psicopedagogo que vai atuar na escola deverá buscar parceria com o professor, a família e a comunidade escolar, além de fazer os encaminhamentos necessários a fim de que os alunos que apresentem algum déficit de aprendizagem possam evoluir e superá-lo. Porém, para que o trabalho do psicopedagogo seja mais significativo, é de extrema importância que a escola tenha uma proposta inclusiva e democrática, visando o bem-estar desses alunos e facilitando o processo de aprendizagem.

A escola é protagonista no processo de aprendizagem de alunos com ou sem déficit de aprendizagem, e é necessário que haja uma integração entre a comunidade escolar. É importante que todos da escola sigam o mesmo caminho, que estejam juntos no grande objetivo de educar e prover meios para a autonomia do educando. Em face disso, muito tem se discutido sobre a importância de uma escola democrática e aberta para todos.

O texto do *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, de 1932, evidencia que a escola deve reunir em torno de si as famílias dos alunos, as sociedades de ex-alunos, a imprensa e todas as demais instituições interessadas na educação (INEP, 1944). Ainda segundo o Manifesto:

¹ Site da Associação Brasileira de Psicopedagogia. Disponível em: <http://www.abpp.com.br/documentos_referencias_diretrizes_formacao.html>. Acesso em 10/01/17.

Para realizar uma sólida obra educacional, é necessário que a escola se abra no maior número possível de direções e se multipliquem os pontos de apoio para se desenvolver. O verdadeiro papel da escola na sociedade impõe o dever de concentrar a ofensiva educacional sobre os núcleos sociais (INEP, 1944).

Essa visão proposta em 1932, mesmo depois de tanto tempo, não é uma realidade na maioria das escolas. Muitas instituições escolares não conseguiram estabelecer essa integração tão necessária para que os objetivos educacionais sejam atingidos. Talvez porque, em pleno o século XXI, ainda predomine a visão do processo de ensino-aprendizagem de forma “engessada”, em que a função do aluno é unicamente sentar e copiar o que o professor escreve na lousa, e o fato de o aspecto quantitativo, focado nas avaliações externas e internas, ser mais valorizado que o aspecto qualitativo, baseado no desenvolvimento integral do educando.

Uma escola aberta é uma escola que assume o papel de ponto de apoio, integração e transformação social. É um lugar onde o aluno e a comunidade são beneficiados com o conhecimento, com as descobertas, com o estreitamento das relações familiares e com a mudança de direção em relação aos caminhos tortuosos da violência e do uso de drogas. O papel da escola é, além de formar cidadãos e construir com os alunos os ensinamentos que eles necessitam para viver, manter firme a esperança num futuro melhor.

A esse respeito, Libâneo (1998, p. 42) afirma que “a escola com a qual sonhamos deve assegurar a todos a formação que ajude o aluno a transformar-se em um sujeito pensante, capaz de utilizar seu potencial de pensamento na construção e reconstrução de conceitos, habilidades e valores”. Ainda sobre esse aspecto, Gadotti (1995) diz:

É necessário, pois, a implantação de uma escola cidadã, onde os alunos tenham acesso a uma educação de qualidade, capaz de assegurar o conhecimento historicamente acumulado, sem preconceitos, sem discriminação, discutindo sua autonomia e educando para que o aluno seja capaz de encontrar resposta do que pergunta (GADOTTI, 1995, p.35).

Sendo assim, uma escola de qualidade e democrática deve ser meta de todos: do governo, dos membros da instituição e da comunidade. Mesmo a passos lentos, a educação tende a evoluir e valorizar-se, não podendo assim ser mantida a mentalidade engessada e retrógrada da escola apenas como transmissora de conteúdos e como uma instituição fria, descompromissada com a sociedade a qual está inserida.

O TDAH e a aprendizagem de Geografia em Maracanaú/CE

O Transtorno do Déficit de Atenção (TDA), associado ou não à hiperatividade, na maioria dos casos, compromete o desempenho escolar. O TDA é um distúrbio de base orgânica, caracterizado pela desatenção (dificuldade de manter o foco), hiperatividade, impulsividade ou uma combinação destes fatores (ABDA, 2014)².

Para que esses problemas recebam um diagnóstico de TDA, eles devem se apresentar fora de um limite normal para a idade e o desenvolvimento da criança. Conseguir chegar a um limite do que seja normal ou exagero, tem sido um dos maiores desafios na realização de diagnósticos de crianças com transtornos de déficits de atenção. É por isso que a infância é a melhor fase para detectar o transtorno, já que os pais podem observar mais intensamente o comportamento dos filhos.

Porém, o TDA também pode reconhecido em adultos, e os sintomas mais comuns são depressão, falta de sono, incapacidade de aprender, transtornos de tique e problemas comportamentais. Nas crianças, esses sintomas devem ser observados por algum tempo e, com a ajuda de um médico, buscar um diagnóstico de TDA, já que fatores externos, além dos biológicos, podem contribuir para a incidência de alguns dos indicativos citados (DSM-5, 2013)³.

Neste trabalho, foram analisadas crianças com Transtorno de Déficit de atenção com Hiperatividade (TDAH) e crianças com suspeitas de TDAH, na faixa etária de 11 a 13 anos, do 6º ano do ensino fundamental II de cinco escolas públicas do Município de Maracanaú. Para a realização desta pesquisa, cinco professores do município colaboraram através de um questionário, da socialização das suas experiências em sala de aula e da observância diária sobre o desenvolvimento cognitivo desses alunos.

O questionário utilizado para a realização deste trabalho continha as seguintes perguntas:

1. Você observa algum fator como desinteresse, agressividade, falta de atenção, dificuldade de aprendizagem, hiperatividade ou isolamento nos seus alunos em sala de aula?

² Site da Associação Brasileira do Déficit de Atenção (ABDA). Disponível em: <<http://www.tdah.org.br/sobre-tdah/o-que-e-o-tdah.html>>. Acesso em 10/01/17.

³ DSM-5 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5ª Ed. 2014). Disponível em: <<http://aempreendedora.com.br/wp-content/uploads/2017/04/Manual-Diagn%C3%B3stico-e-Estat%C3%ADstico-de-Transtornos-Mentais-DSM-5.pdf>>. Acesso em 10/01/17.

2. Dentre os alunos com os fatores observados na questão anterior, existe algum com laudo de TDAH?
3. A estrutura das escolas e das salas de aula é adequada para esses alunos?
4. Você observa a incidência de outros fatores, como alimentação inadequada e falta de atenção familiar?
5. Qual é a sua maior dificuldade em relação a esses alunos?
6. Que conceitos geográficos esses alunos possuem mais dificuldades de aprendizagem?
 - a) Espaço geográfico
 - b) Paisagem
 - c) Lugar
 - d) Território.
7. O uso de TICS contribui para uma melhor aprendizagem de Geografia?

O objetivo desse questionário aberto foi fazer um levantamento sobre a incidência de alunos com o TDAH e perceber como os professores e alunos têm desempenhado o processo de ensino-aprendizagem de Geografia, pois o uso do questionário, segundo Gil (1999, p.128), pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”.

Utilizando esse recurso metodológico proposto por Gil (1999), aplicamos o questionário supracitado com cinco professores de Geografia, lotados em cinco escolas públicas de Maracanaú (CE). Cada professor possuía duas turmas de 6º ano, uma no turno da manhã, e outra no turno da tarde. As 10 turmas observadas continham entre 28 e 34 alunos, totalizando 152 estudantes.

A disciplina de Geografia faz parte do currículo oficial do ensino básico e, conforme os PCNs, é uma matéria que contribui para a compreensão da realidade social, bem como da relação homem-natureza e as transformações no espaço geográfico. Segundo os PCNs de Geografia para o ensino fundamental II,

A Geografia, na proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais, tem um tratamento específico como área, uma vez que oferece instrumentos essenciais para a compreensão e intervenção na realidade social. Por meio dela podemos compreender como diferentes sociedades interagem com a natureza na construção de seu espaço, as singularidades do lugar em que vivemos, o que o diferencia e o aproxima de outros lugares e, assim, adquirir uma consciência maior dos vínculos afetivos e de identidade que estabelecemos com ele (BRASIL, 1998, p.15).

Diante desses objetivos tão importantes e significativos para o desenvolvimento cognitivo e social dos alunos, tentamos, através dessa pesquisa, sugerir metodologias para facilitar a aprendizagem de Geografia em alunos com TDAH e, assim, valorizar a ciência geográfica enquanto disciplina fundamental para o desenvolvimento social e crítico dos educandos.

Inicialmente, entrei em contato com cinco professores de Geografia do Município Maracanaú (CE) e agendei um dia para que pudéssemos conversar e aplicar o questionário proposto. Estendendo-se para além da resolução do questionário, nossas conversas se pautaram também na socialização das experiências positivas e das dificuldades observadas no cotidiano de sala de aula.

A medida que a pesquisa evoluía e que o contato com os professores se aprofundava, outros encontros aconteceram, e o roteiro definido abriu espaço para a espontaneidade dos relatos. Esses momentos nos proporcionaram maior interação e outros registros sobre os anseios e as percepções do tema em questão. A relação entre pesquisador e entrevistado permitiu esse direcionamento, uma vez que o elo formado contribuiu para a participação efetiva dos professores que se disponibilizaram a colaborar com esta pesquisa. Segundo Bosi (2003), a “Entrevista ideal é aquela que permite a formação de laços de amizade; tenhamos sempre na lembrança que a relação não deveria ser efêmera. Ela envolve a responsabilidade pelo outro e deve durar quanto dura uma amizade” (p. 60).

Após esse importante período de interação, pude relacionar os dados coletados nos questionários e nas conversas com as minhas observações enquanto professora de Geografia do mesmo município, no intuito de alcançar os objetivos propostos para este trabalho.

O que mais chamou a atenção foi a questão da falta de preparo dos professores para trabalhar com alunos com TDAH. Dos cinco professores, quatro informaram que não tiveram um direcionamento para trabalhar as diversidades encontradas em sala de aula e principalmente com as dificuldades de aprendizagem relacionadas a alunos com TDAH. Essa falta de preparo, segundo eles, vem desde a sua formação acadêmica até agora, como professores atuantes em sala de aula. Na experiência acadêmica dos entrevistados, durante a graduação em Geografia – Licenciatura, poucas foram as cadeiras que objetivassem questionar as diversidades em sala de aula e as formas de aprendizagem dos alunos. Conforme o relato do professor 1:

O curso que fiz deixou muito a desejar nesse aspecto. Não me recordo de ter sido enfatizada a questão dos alunos com transtornos. A gente aprendeu muita coisa boa, mas a didática que a gente viu nem se compara com a realidade de hoje. O que aprendi mesmo foi no dia a dia, em sala de aula, errando e acertando (PROFESSOR 1).

Quase que não concluíamos o curso porque a universidade não conseguia arranjar professor de didática. E quando apareceu, mais faltava do que ia dar aula. Eu, sinceramente não aprendi nada útil na universidade (PROFESSOR 4).

As disciplinas de Didática e Psicologia da Aprendizagem, mencionadas por quatro professores, se propuseram a levantar questionamentos neste sentido, porém de forma muito superficial e pouco prática. Mesmo o quinto professor, que teve a oportunidade de realizar o curso de Geografia em uma universidade que enfatizasse a prática do professor e a relação ensino-aprendizagem de forma mais concreta e objetiva, ao chegar em sala de aula, relatou que a experiência real está muito distante das discussões acadêmicas das universidades.

Eu fiz um belo curso de licenciatura em Geografia. A disciplina de estágio, tanto a I quanto a II, foi conduzida com muito preparo. Tive a sorte de ter professores que me direcionaram bem. Mas, no meu primeiro dia como professor em sala de aula, antes mesmo de entrar, não tive nenhuma orientação sobre as turmas, sobre alunos especiais, ou com histórico ruim. Simplesmente me mandar dar aula (PROFESSOR 5).

Nesse caso em especial, o professor passou por um curso satisfatório, teve boas experiências nos estágios, mas ao assumir a turma, viu-se desorientado diante da recepção feita pela escola. Esse caso exemplifica a falta de preparo diante dessas situações e o choque de realidade observado nas falas dos professores. Sobre esse aspecto, Kimura (2010) vai além e relata que esses casos são observados antes mesmo do fim da graduação, quando coloca que “frequentemente vemos alunos vindos dos estágios de prática de ensino assustados por terem seus projetos didáticos dificultados ou até inviabilizados” (p. 20).

Kimura (2010) sugere ainda que professores recém-saídos das universidades acabam por se assustar e, possivelmente, sentem-se frustrados devido à realidade encontrada nas escolas, onde muitas vezes seus projetos didáticos são dificultados pela carência de materiais didáticos específicos, bem como de uma melhor interação entre o particular e o geral. O particular e o geral mencionados pelo autor referem-se à escola como uma teia de relações, onde devem interagir: o sistema de ensino e políticas públicas, organização dos tempos e espaços escolares, materiais voltados para o ensinar-aprender e o pensar-fazer como fonte do ensinar-aprender.

Além dessa revelação inicial, os resultados dos questionários aplicados mostraram que cada professor possuía uma média de seis alunos com os sintomas de TDAH. Como foram observadas dez turmas, duas por professor, cada turma possuía três alunos com essas características. Porém, 80% dos alunos que apresentaram algum dos sintomas nunca passou por avaliação diagnóstica, e os pais desses estudantes careciam de orientação para levarem seus filhos ao médico ou a um psicopedagogo que os auxiliassem. O professor 3 nos relatou que:

Tenho um aluno de 13 anos no sexto ano. Já reprovou duas vezes, uma no quinto e agora no sexto. Já conversei com os pais, expliquei que o menino tá fora de faixa, que não consegue evoluir. Os pais até ficaram preocupados na hora, mas não foram atrás de um especialista, não fizeram nada. Sem um laudo oficial fica complicado de fazer alguma coisa pelo menino (PROFESSOR 3).

O único aluno que possui laudo na minha sala, veio de uma escola particular que só aceitou a permanência dele se tivesse um laudo oficial. Como os pais tiveram dificuldade de manter o aluno na escola, trouxeram pra cá. Esse é o único que tem laudo (PROFESSOR 2).

Dos sintomas questionados, o que mais se observou foram a falta de atenção e o desinteresse, sendo que além destes, pelo menos um dos três alunos com possível TDAH observados em cada uma das dez salas pesquisadas, possuía outros sintomas, como agressividade, dificuldade de aprendizagem, hiperatividade ou isolamento. No total, dos trinta alunos com alguns desses traços, apenas seis possuíam laudo médico. Portanto, as análises dessas pesquisas, em grande parte, foram feitas com alunos acometidos por indícios de TDAH, ainda sem um laudo médico oficial.

Segundo a Associação Brasileira do Déficit de Atenção (2014), para que se tenha um diagnóstico correto e preciso sobre o TDAH é necessário que seja realizada uma entrevista com um profissional da área médica especializado, como psiquiatra, neurologista, neuropediatra.

Os alunos observados nesta pesquisa, em alguns casos, encontraram dificuldade de acesso a esses profissionais – situação essa que os próprios professores tem buscado superar, facilitando o intermédio entre os pais e os programas sociais oferecidos pelo município, como o Programa de Saúde na Escola (PSE).

O PSE foi desenvolvido pelos Ministérios da Saúde e da Educação para articular e integrar as ações nas escolas e as equipes de Atenção/ Saúde de Família, com objetivo de implantar ou fortalecer as ações desenvolvidas pelas Unidades de Saúde e escolas, no que se refere à saúde integral de crianças e adolescentes.

As estruturas das escolas e, principalmente, das salas de aula, segundo os professores entrevistados, eram pouco atrativas para os alunos e contribuíam para o desinteresse e para a falta de atenção durante as aulas. A escola na qual lecionei, no mesmo município, também não possui uma estrutura adequada, pois as salas são muito quentes e abafadas, não possuindo nenhum atrativo visual como mapas, imagens ou jogos que auxiliem no processo de aprendizagem de Geografia. Para Kimura (2010), “um retroprojetor ou até mesmo o uso de um simples mapa-mural são materiais muito importantes para o ensino de geografia” (p. 20).

Sabemos que uma mudança geral feita através de reformas, apesar de ser o ideal, pode não ocorrer de uma maneira tão rápida, pois necessitaria de ações maiores entre gestão e município – até mesmo as questões burocráticas demandariam um tempo maior para que se realizassem as modificações. No entanto, algumas atitudes didáticas podem melhorar o atrativo visual e a interação em sala de aula. O professor pode, juntamente com os alunos, confeccionar trabalhos artísticos que sirvam de decoração para as salas.

Esses trabalhos poderiam ser desenvolvidos juntamente com os professores de artes, em que desenhos e pinturas relacionadas aos conceitos geográficos pudessem ser colocadas em um mural, como paisagens naturais e culturais, mapas do bairro, reconhecimento de cores e contrastes entre cenário urbano e rural, o próprio globo terrestre, e várias outras ideias que fossem surgindo ao longo das aulas de Geografia (KIMURA, 2010). Assim, ao explorar a competência artística dos alunos, a construção dos conhecimentos seria efetuada de maneira participativa e atrativa.

Além disso, a anexação de mapas em escalas variadas (local, regional, nacional e global) facilitaria a familiarização desses alunos com as noções de espaço e da sua participação na formação do espaço geográfico. Para Castrogiovanni *et al.* (2009), “A busca de explicações do que acontece em determinados níveis desta escala, em outras dimensões, favorece análises mais consequentes” (p. 95). Para a autora, ao estudar uma escala nacional, por exemplo, deve-se levar em conta a diversidade regional, evidenciando a sua influência na formação do todo, as semelhanças e particularidades de cada região.

Algumas crianças com TDAH apresentaram comportamentos considerados inadequados em sala de aula. Sendo assim, é necessário que professores sejam lúdicos e criativos a fim de despertar pelo menos um pouquinho da atenção deste aluno, objetivando que esse construa o seu conhecimento (ABDA, 2014).

Lecionar para crianças com TDAH não é uma tarefa fácil, porém o professor pode sim obter êxito ao manter alguns hábitos, como o de viabilizar para que o aluno com TDAH sente próximo ao professor; evitar a escassez e o excesso de estímulos visuais; proporcionar um ambiente tranquilo e um maior tempo para realizar as atividades; estimular o aluno com elogios; estruturar a rotina em sala de aula. Tudo isso deve ser feito com o intuito de ajudar na aprendizagem dessas crianças e adolescentes.

Sendo assim, ao ministrar as aulas, o professor precisa deixar claro para os alunos o objetivo da aula e quais materiais serão utilizados. Deve auxiliar o discente em relação à organização de seus materiais pessoais, deve ficar sempre atento ao aluno e buscar atividades curtas e objetivas, que não distraiam o estudante e nem contribuam para o seu desinteresse.

No caso específico da Geografia, as atividades poderiam estar relacionadas à utilização de materiais concretos, como o globo terrestre e a construção de maquetes e de mapas individuais. Para Castrogiovanni *et al.* (2009), através das construções realizadas em sala de aula, “o aluno materializa uma realidade, reflete sobre a mesma, codifica e elabora representações com as quais exerce leitura” (p. 79). Processos como esse, de constructo coletivo, prenderiam a atenção do aluno, colaborando assim para a aprendizagem.

Sair da sala de aula também seria uma boa alternativa para prender a atenção dos alunos e diversificar o processo de aprendizagem. Isso poderia ser feito através de passeios pelo bairro, onde eles possam relacionar o que aprenderam no livro com a própria realidade social.

Conceitos de lugar, território e espaço geográfico poderiam ser perfeitamente trabalhados através de uma aula de campo no bairro onde moram. Além disso, eles poderiam sentir de fato que fazem parte de uma sociedade importante para a composição da totalidade do espaço geográfico e visualizariam concretamente a transformação da natureza pelo homem. Alternativas até mais simples, como observar a posição do sol no pátio da escola, contribuiriam para a orientação geográfica e para o estímulo da curiosidade e do questionamento.

Trabalhar com análise de imagens também é uma sugestão interessante para o processo de aprendizagem. Para Castrogiovanni (2009), “o estudo de diferentes imagens, representações e linguagens são formas de provocar hipóteses que levam a manifestações, análises e, portanto, da construção de conceitos geográficos” (p. 79).

Sendo assim, os alunos poderiam fazer comparações das imagens em que observassem a transformação da paisagem e identificar elementos que fazem parte da

formação do espaço geográfico, como a sociedade que habita a região analisada, as mudanças de comportamento que acontecem ao longo dos anos, o aumento de estabelecimentos comerciais e a modificação nas formas de residir, como a diminuição do número de casas e o aumento de prédios e edifícios na região.

Em relação à estrutura familiar, em média 30% dos alunos observados eram filhos de pais separados ou moravam com os avós. Esses pais trabalhavam durante o dia, e os filhos ficavam com os avós ou sozinhos em casa, sem um acompanhamento para a realização das atividades escolares. Em geral, os alunos iam para escola bem alimentados e bem vestidos, mas poucos realizavam frequentemente as atividades de casa e traziam todos os materiais solicitados.

Segundo os professores, os pais sempre alegavam que tinham de trabalhar e não podiam acompanhar o desempenho escolar dos filhos. A presença dos pais é um fator fundamental para todas as crianças em desenvolvimento, principalmente para aquelas com suspeitas de TDAH, pois, segundo Goldstein (1994), “algumas crianças, entretanto, podem apresentar sintomas de hiperatividade como resultado de ansiedade, frustração, depressão ou de uma criação imprópria” (p. 79).

E é exatamente neste ponto que coincidiram plenamente as respostas dos professores quanto a maior dificuldade enfrentada por eles, pois todos disseram que a falta de um acompanhamento familiar dificultava uma melhor aprendizagem por parte dos alunos. Essa falta de apoio por parte dos pais dificultava todo o processo de ensino-aprendizagem, pois os professores não conseguiam sozinhos, sem o apoio familiar e sem um acompanhamento especializado, contribuir significativamente para a aprendizagem dos alunos com possíveis TDAH.

Em relação aos conceitos geográficos, três dos cinco professores responderam que os alunos possuíam mais dificuldade na aprendizagem do conceito de espaço geográfico, pois não conseguiam diferenciar a noção de espaço geográfico e a noção de paisagem. Esta dificuldade não se resumiu aos alunos com possíveis TDAH, trata-se de um conceito de maior dificuldade para a compreensão geral, uma vez que a faixa etária dos alunos pesquisados ainda depende do mundo concreto para abstrair (PIAGET, 2007). Os outros dois professores mencionaram dificuldade na compreensão do conceito de território e de lugar.

Segundo a definição clássica de Milton Santos (1988), paisagem é “tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista alcança. Não é apenas formada de volumes, mas também de cores, movimentos, atores, sons, etc.” (p. 61).

A definição de paisagem para Santos (1978), é confirmada como um dado humano, algo que parte do olhar, com a sensibilidade visual e sensitiva inerente ao observador. Já o conceito de espaço geográfico, além de uma dinâmica natural, também possui uma dinâmica social, exercida pelas formações sociais que ali vivem e atuam.

Para Santos (1978):

O espaço deve ser considerado como uma totalidade, a exemplo da própria sociedade que lhe dá vida (...) o espaço deve ser considerado como um conjunto de funções e formas que se apresentam por processos do passado e do presente (...) o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que se manifestam através de processos e funções (SANTOS, 1978, p. 122).

Através dessas reflexões, percebemos que o espaço geográfico é a expressão visível de como a sociedade está organizada segundo as normas estabelecidas. Nele, estão expressas as desigualdades sociais, a distribuição do poder e o jogo de interesses e de pressões existentes entre grupos e classes sociais sobre o Estado.

Os professores relataram que o conceito de paisagem foi mais compreensível por parte dos alunos. Eles conseguiram diferenciar as paisagens naturais das paisagens humanizadas e demonstravam isso através da diferenciação de imagens e na própria leitura de textos. Já ao conceituar o espaço geográfico, muitos não conseguiam fazer essa ligação entre as relações sociais e a natureza. Para os alunos, a noção de espaço geográfico se limitava à noção de paisagem, não sendo enfatizadas as ações e as relações sociais.

Acreditamos que esta dificuldade de compreensão, além das características específicas da idade e dos possíveis transtornos, também seja ocasionada pela falta de estímulo em se obter um pensamento crítico em relação à sociedade a qual estão inseridos. Essa análise crítica da sociedade é pouco estimulada nos alunos em geral – certamente, isso acontece pelo fato de a Geografia, em alguns casos, ainda ser percebida como uma disciplina decorativa e pautada numa metodologia tradicional de ensino.

Em sua obra *Escola e Democracia*, Saviani (2009) destaca que para possibilitar a aquisição de conteúdo, os professores devem trabalhar a realidade do aluno em sala de aula, a fim de que ele tenha discernimento e possa analisar sua própria realidade de maneira crítica e reflexiva.

O uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) foi considerado significativo para o processo de ensino-aprendizagem de Geografia e uma grande

ferramenta de aprendizagem para todos os alunos, inclusive aqueles com possíveis transtornos do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH).

Quando eu uso o projetor, ou levo os meninos para a sala de informática, eles se empolgam mais. Às vezes até brigam para usar os computadores (risos). É uma pena que a escola não tenha mais equipamentos (PROFESSOR 4).

Outro dia eu acessei o *Google Earth* para trabalhar noção de escala. A aula foi um sucesso, todos os alunos hiperativos estavam concentrados, tentando localizar a sua rua, procurando lugares que eles gostariam de conhecer (PROFESSOR 3).

Como na escola não tem computador pra todo mundo, eu sempre indico alguns jogos como o *Seterra on line*, onde eles podem acessar em casa ou numa *lan house* (PROFESSOR 2).

Os questionários mostraram que o uso dessas tecnologias favorecia a concentração dos alunos. Os alunos com TDAH conseguiam interagir melhor com o professor e com a classe quando os conteúdos eram ministrados com o uso das TICs, pois através dos computadores, da navegação na internet, dos laptops em sala de aula, jogos, data show, entre outros, as aulas se tornaram mais prazerosas, dando novo sentido e significado aos conteúdos. Apesar da realidade estrutural de algumas escolas pesquisadas não superar as expectativas, todas elas possuíam pelo menos um equipamento audiovisual, como data show e notebook.

O uso das Tecnologias de Informação e de comunicação (TICs) é fator fundamental no processo de aprendizagem diante de um mundo globalizado e em constante transformação. Para Masetto (2000, p. 140), “Esta concepção de aprendizagem toma-nos a todos de tal maneira que nos faz continuamente aprendizes, ou seja, continuamente em processo de evolução e desenvolvimento”.

Outra sugestão para o uso das TICs seria a inclusão do Ensino Híbrido como metodologia durante as aulas. Essa forma de ensino sugere o elo entre os dois modelos de aprendizagem: o presencial e o online. Ou seja, parte do processo ocorre em sala de aula, em que os alunos interagem entre si, trocando experiências. Já o online utiliza meios digitais para que o aluno tenha mais autonomia à forma de aprendizagem. Nesse quesito, as duas modalidades se completam, pois proporcionam diferentes experiências na forma de aprendizado.

Dentro desse modelo, é possível trabalhar com o sistema de rotação por estações, em que cada grupo de aluno deve passar por todas as estações sugeridas. Imagine que o objetivo da aula seja trabalhar cartografia, e o professor separa 4 grupos e 4 estações. Uma estação possui um texto sobre cartografia com uma pergunta problema;

a segunda propõe a confecção de um mapa da sala, contendo os elementos cartográficos; a terceira, um vídeo para os alunos assistirem e a quarta, um jogo interativo.

A rotação por estações favorece a inclusão dos alunos com possíveis TDAH, torna a aula dinâmica e trabalha o desafio e a conexão com as TICs. Certamente, é uma técnica que deve ser bem planejada e não deve ser aplicada rotineiramente, evitando tornar-se enfadonha.

As sugestões metodológicas acima citadas contribuíram significativamente para uma melhor aprendizagem dos alunos pesquisados com possíveis TDAH, bem como dos alunos que não apresentaram esse transtorno. Com isso, observamos que a aprendizagem de Geografia é melhor desenvolvida quando se tem uma relação mais direcionada entre o conteúdo e a vida cotidiana do aluno, bem como com o uso de metodologias e estratégias que utilizem mecanismos de aprendizagem concretos, como os citados anteriormente. Assim, abrimos caminhos para novas pesquisas sobre metodologias e possíveis formas de se desenvolver uma melhor aprendizagem de Geografia em alunos com possíveis transtornos de déficits de atenção (TDAH).

Considerações finais

Diante das observações analisadas durante esta pesquisa, percebemos que a dificuldade de aprendizagem dos alunos acontece por um conjunto de fatores que vão além da própria limitação de possuírem o TDAH. Fatores esses que começam com a falta de um apoio especializado na escola, como o de um psicopedagogo que possa auxiliar no processo de aprendizagem desses alunos, bem como de uma preparação do próprio professor que, na maioria das vezes, sente-se confuso diante de alunos com esse transtorno. Além disso, a dificuldade de interação entre escola e comunidade também é um fator preponderante na dificuldade de aprendizagem por parte dos estudantes.

O primeiro passo para melhorar o processo de ensino-aprendizagem seria um engajamento de toda a comunidade escolar para que houvesse um acompanhamento especializado na escola, além de uma ligação mais direta entre escola e programas sociais do governo. Certamente, havendo uma mobilização geral da comunidade escolar e com o apoio dos pais, seria mais viável buscar alternativas para tornar a escola mais atrativa e prazerosa para o aluno, visando a superação de seus limites e a implementação

de metodologias adequadas para manter a concentração de alunos com TDAH (ARGOLLO, 2003).

A disciplina de Geografia possui uma infinidade de artifícios audiovisuais que podem ser trabalhados com os alunos, como vídeos, imagens, mapas interativos, jogos, dentre outros (KIMURA, 2010). Então, por que não utilizar essas metodologias em favor do processo de aprendizagem? A interação do aluno com o objeto de estudo favorece a aprendizagem e estimula a atenção em sala de aula, principalmente no caso de estudantes com TDAH, cuja falta de atenção é recorrente e por vezes intensa. Em sala de aula, o que deve ser priorizado é a integração desses alunos com a turma e o uso de práticas com carácter dinâmico, concreto e que estimulem a concentração, diminuindo assim a dispersão e a perda do foco.

Referências Bibliográficas

- ARGOLLO, Nayra. **Transtorno do Déficit de atenção com hiperatividade: aspectos neuropsicológicos**. Psicologia escolar educacional. 2003, volume 7, número 2 (p. 197 -201).
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOPEDAGOGIA. Disponível em: <http://www.abpp.com.br/apresentacao.htm>. Acesso em 15 de Abril de 2014
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO DÉFICIT DE ATENÇÃO. Disponível em: <http://www.tdah.org.br>. Acesso em 24 de Abril de 2014.
- BOSI, E. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: geografia / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília : MEC/ SEF, 1998. 156 p.
- CASTROGIOVANNI, A. C., CALLAI, H. C., KAERCHER, N. A. **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2009.
- GADOTTI, Moacir. **Escola cidadã**. 3ª Ed., São Paulo: Cortez, 1995.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GOLDSTEIN, Sam e GOLDSTEIN, Michael: tradução Maria Celeste Marcondes. **Hiperatividade: Como Desenvolver a Capacidade de Atenção da Criança**. Campinas, SP: Editora Papyrus, 1994.
- INEP. "Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova". **Revista brasileira de estudos pedagógicos**. – v. 1, n. 1 (jul. 1944). – Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1944 – Publicação oficial do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais.
- KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico, questões e propostas**. 2 ed São Paulo: Contexto, 2010.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 1998.
- MASETTO, M. T. Mediação Pedagógica e o uso da tecnologia. In: **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 11 ed. São Paulo: Ed. Cortez, 2002.

PIAGET, Jean. **Epistemologia Genética**. Tradução: Álvaro Cabral. 3ª ed. Martins Fontes: São Paulo, 2007.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: HUCITEC, 1988.

SANTOS, Milton. **Sociedade e espaço**: A Formação Social como Teoria e como Método. São Paulo: Boletim Paulista de Geografia, n.54, jun., 1978.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 41. ed.. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

Recebido em 24 de julho de 2017.

Aceito para publicação em 26 de fevereiro de 2018.